



## Fé e Escolarização de Negros Protestantes em Salvador (1982-1920)

Gicélia da Cruz<sup>1</sup>  
Sueli Ribeiro Mota Souza<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo compreender como se deu o processo de fé e escolarização dos primeiros negros convertidos no trabalho batista em Salvador no período de 1882-1920. Convém conhecer o contexto socioeconômico, cultural, religioso e educacional que permitiu os negros batistas começarem a frequentar a Escola Bíblica Dominical onde a leitura e interpretação da Bíblia eram fundamentais no novo credo. No que se refere a educação, o estigma da escravidão negra que perdurou por quase quatro séculos, deixou marcadores social e racial onde a baixa escolaridade foi uma das consequências negativas. Quanto ao universo da fé, é importante que se ressalte também as experiências de práticas religiosas tanto nas religiões de matriz africana, catolicismo bem como de outras as quais se percebe a ressignificação da espiritualidade e fé do afro brasileiro.

**Palavra-chave:** negro – protestantismo – religiosidade - educação

**Abstract:** This article aims to understand how the process of faith and schooling of the first blacks converted in Baptist work in Salvador from 1882-1920 took place. The socioeconomic, cultural, religious, and educational context that allowed black Baptists to begin attending Sunday Bible School where reading and interpreting the Bible was central to the new creed should be understood. As far as education is concerned, the stigma of black slavery that lasted for nearly four centuries left social and racial markers where low education was one of the negative consequences. As for the universe of faith, it is important to highlight also the experiences of religious practices in the religions of African matrix, Catholicism as well as others that perceive the ressignification of the spirituality and faith of the Brazilian Afro

**Keyword:** black - protestantism - religiosity - education

### Introdução

No Brasil, a travessia afro atlântica fez com que surgisse um novo grupo de pessoas cuja identidade sociocultural e religiosa, sofresse transformações históricas e ao longo do tempo se não podia mais reivindicar um lugar único. No que se refere a espiritualidade e, especificamente, sobre as religiões afro atlânticas, é importante conhecer essa temática e suas configurações, bem como a imersão do afro brasileiro

---

<sup>1</sup> Gicélia da Cruz (Mestranda – Universidade do Estado da Bahia – PPGEduC/Linha 1)

<sup>2</sup> Sueli Ribeiro Mota Souza (Prof.Pós-Doutora – Universidade do Estado da Bahia – PPGEduC/Linha1)



no protestantismo recém-chegado à cidade de Salvador, a partir do início do trabalho dos missionários batistas, em 1882.

Este trabalho tem como objetivo analisar como se deu o processo de escolarização dos primeiros negros convertidos ao protestantismo na Escola Bíblica Dominical da Primeira Igreja Batista do Brasil e outras que foram surgindo chegada na cidade de Salvador no final do século XIX e início do século XX. Também a experiência nesse novo universo religioso e sua relação com a educação/escolarização, visto que deveriam, após a conversão, começar a frequentar a Escola Bíblica Dominical (EBD), onde a leitura e interpretação da Bíblia era regra para o desenvolvimento da fé cristã protestante. Vale salientar que o número de negros escravizados e libertos analfabetos era significativo; bem como sua ascensão social numa sociedade branca e escravocrata, ainda existente no final do século XIX. (MENEZES, 1997).

No primeiro momento busca-se na historiografia brasileira e, especificamente, nos arquivos da cidade de Salvador, quais seja: Arquivo Público, jornais e periódicos, atas das igrejas fundadas no período pesquisado, compreender o contexto histórico, socioeconômico e cultural que permitiu os primeiros negros batistas começarem a frequentar a escola bíblica dominical no trabalho batista, visto que, na sua grande maioria, esse grupo étnico era analfabeto.

Salvador era conhecida por ter uma população majoritariamente negra, que sempre apresentou contexto religioso com identidade própria, onde se percebe a presença da ancestralidade africana no seu cotidiano também através da fé, seja nas religiões de matriz africana, bem como no catolicismo.

Para MOTA (2011, p. 116):

A religião e os processos educativos atuam sobre o corpo não apenas porque se propõe a curar as aflições e problemas específicos, mas principalmente porque constituem um espaço para a exploração de novas ou distintas possibilidades existenciais que exigem novas modelagens do processo de sociabilidade, e neste sentido uma atenção para os esquemas de ensino/aprendizagem.

O segundo momento se dá quando, a partir dos dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, Censo de 2010, informa um número crescente de negros que se auto-declararam evangélicos, média de 22 milhões. Nesse sentido, o sujeito afro diaspórico mostra uma simbiose cultural e religiosa, precisando assim de um olhar mais amplo.

## 1. Um breve histórico da chegada do protestantismo ao Brasil

É importante saber como se deu desde a chegada dos primeiros protestantes que por aqui aportaram no século XVI quando do episódio da Invasão Francesa, ocorrida na província do Rio de Janeiro, pois que na comitiva também vieram como colonizadores os huguenotes (calvinistas), para refugiarem-se da perseguição religiosa na França. A segunda tentativa acontece entre 1630-1654, com a Invasão Holandesa, quando os calvinistas holandeses, fundam sua colônia no nordeste brasileiro, em 1630, em Pernambuco. Por ser um calvinista convicto, o Governador-Geral holandês Maurício de Nassau, colocou em pontos estratégicos escolas missionárias a fim de alcançar os ameríndios, porém poucos dentre eles foram convertidos. No caso da população negra, os protestantes diziam ser essa mão-de-obra escrava indispensável. Após a expulsão dos holandeses em 1654, o catolicismo tornou-se a religião oficial. Porém esse status de religião oficial começou a ser abalado com a chegada da Família Real, em 1808, que, devido aliança com a Inglaterra, teve que abrir os portos da colônia, não só para os produtos ingleses, mas também para uma nova religião: o protestantismo. Este, por um determinado tempo foi dirigido e praticado por e para a comunidade estrangeira, ou seja, os comerciantes ingleses; inclusive os cultos eram no idioma inglês. Temos aí o protestantismo de comércio. Só no final do século XIX, com a chegada dos batistas e com a abertura de uma igreja na cidade de Salvador, é que começa o protestantismo de missão, onde os cultos eram abertos para toda comunidade, inclusive na língua portuguesa.

Para Milton Santos (2008, p. 45):

As causas exógenas criam situações de alienação que escapam a regulações locais ou nacionais, embora arrastando comportamentos locais, regionais, nacionais em todos os domínios da vida, influenciando o comportamento da moeda, do crédito, do gasto público e do emprego, incidindo sobre o funcionamento da economia regional e urbana, por intermédio de suas relações determinantes sobre o comércio, a indústria, os transportes e os serviços.

Barbosa (2002, p. 97), informa que a teologia do protestantismo missionário brasileiro foi implantada das igrejas do Sul dos Estados Unidos. Na sociedade sulista, antes da Guerra Civil, as relações sociais estavam muito bem ajustadas e a escravidão negra ocupava um espaço bem delimitado. Aqui no Brasil, para o autor, o ensino da religiosidade funcionou a serviço da sociedade escravocrata, quando:

O protestantismo brasileiro procurou tornar mais amena a vida dos escravizados, consolando-os, tornando-os mais pacientes e submissos. A teologia anunciada refletia a existência de um estágio de transição que oferecia aos escravos, simplesmente uma conversão religiosa. Além disso, algumas justificativas foram encontradas para sustentar a situação: o bom trato dos escravos, a amenidade da instituição, quando comparada ao exemplo norte americano, e o caráter paternalista, senhorial e meio feudal de que lá se revestia.

Figura 1 – Protestantismo no Brasil



Fonte: Google Imagem, 2019

Analisar o processo de conversão dos negros ao protestantismo na cidade de Salvador, Bahia, no final do século XIX, é buscar compreender também como as estruturas sociais e identitárias são mutáveis; de como uma população majoritariamente negra e já convivendo com outros credos religiosos tais como o catolicismo e as religiões de matriz africana (a exemplo do candomblé), passou a interessar-se e logo frequentar a nova religião que chegara na cidade. Percebe-se então que os africanos que viviam em Salvador, bem como os afros brasileiros passaram a ter uma identidade híbrida. Segundo HALL (2011),

As pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal, retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimilados por elas e sem perder completamente suas identidades...elas são irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo a várias "casas" e não a uma "casa" particular.(p.52)<sup>3</sup>

<sup>3</sup> HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Editora: UFMG, 2013



## 2. A diáspora africana nas américas

É importante também buscar um breve histórico sobre a diáspora africana negra nas Américas; qual a origem geográfica dos primeiros afrodiaspóricos e o que trouxeram como práticas e memórias ancestrais da África, que os acompanharam e acompanham por gerações no Continente Americano. Heywood (2008), traz alguns dados sobre os centro-africanos que atravessa o Atlântico forçosamente. A maioria dos centro-africanos partiu de portos nas costas de Loango e Angola, lugares que pertenciam a somente três culturas regionais: a do Congo, Umbundo e Ovimbundo, que tinham em comum a língua muito próxima as do Banto Ocidental:

As pesquisas sobre a demografia do comércio de escravos demonstram que os centro-africanos estavam em todas as regiões. Na verdade, eles representavam quase 45% ou aproximadamente 5 dos 11 milhões de africanos como escravos entre 1519 e 1867. Durante o período em que este comércio era legal entre África e Brasil, foram importados entre 3,5 e 3,6 milhões de escravos originário da África Central(p.19)<sup>4</sup>

Segundo SILVA (2003), “os escravos dos ingleses, eram na sua maioria islâmicos, pois na Revolta dos Malês, ocorrida em Salvador em 1835, dos 160 acusados, 45 eram escravos de ingleses residentes no bairro da Vitória”<sup>5</sup>. Esses acontecimentos e outras situações mostram um povo aguerrido, que não se dava por vencido. Essa era uma das características da população negra e mulata de Salvador. Esses ingleses eram os súditos britânicos, membros da Saint Church, que desobedeceram a ordem de S.M. Britânica ao participarem do rentável comércio negreiro que se fez na Bahia no século XIX, e também eram proprietários de escravos que utilizavam como mão-de-obra doméstica ou em alguns empreendimentos de caráter manufatureiro que mantinham em Salvador.

De acordo com FILHO (1996):

O aspecto social-econômico da província da Bahia ao longo do século XIX, e em destaque para Salvador e Recôncavo, estava acentuado na questão racial. A cor da pele podia ser decisiva na classificação social dos indivíduos. A elite considerava-se branca mesmo que para isso fosse preciso ocultar ou negar, ainda que longínqua ascendência negra. Mesmo sendo pobre, o branco tinha melhor acolhida na Santa Casa de Misericórdia da Bahia(p.30)<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> HEYWOOD, Linda M. *Diáspora Negra no Brasil*. Contexto, 2008

<sup>5</sup> SILVA, Elizete da. **Visões protestantes Sobre a Escravidão**. Revista de Estudos da Religião: Nº 1/2003, p.6

<sup>6</sup> FILHO, Walter Fraga. **Mendigos, moleques e vadios na Bahia do Século XIX**. Salvador: EDUFBA,1996

No século XIX, os negros e pardos, escravizados e libertos, formavam a maior parcela da população na Cidade da Bahia. Porém, sua situação era de total abandono e por que não dizer, de miséria. FILHO (1996, p. 24), explica de forma precisa, a situação dessa população,

Quando muitas vezes os mestiços, e em especial os mulatos<sup>7</sup>, podiam alcançar certos prestígios nas carreiras militar, eclesiástica ou no funcionalismo público, mas a discriminação que sobre eles recaía podia fechar-lhes as portas da ascensão social e reduzi-los à pobreza.

Essa era a realidade da sociedade baiana quando da chegada do protestantismo na cidade, a qual não mudou ao longo dos anos; pois mesmo tendo protestantes abolicionistas, não havia entre eles um discurso forte para que houvesse uma mudança significativa na questão da escravidão negra.

Só no final do século XIX, com a chegada dos batistas na Bahia, o protestantismo toma impulso, e em 15 de outubro de 1882, é organizada a Primeira Igreja Batista do Brasil, localizada à rua Maciel de Baixo, centro de Salvador, onde havia uma grande concentração de pobres que moravam nos cômodos inferiores ou lojas dos grandes sobrados. Segundo Walter Fraga Filho, em seu livro *Mendigos, Moleques e Vadios na Bahia do Século XIX*, somente na freguesia da Sé, uma das mais populosas de Salvador, cerca de 30% dos moradores das lojas eram livres e escravizados, dedicavam-se ao serviço de ganho, bem como também haviam pedreiros, sapateiros, marceneiros, carpinteiros, funileiros, quitandeiros, alfaiates, lavadeiras, costureiras, saveiristas e calafates. Em meados do século XIX, 78,6% dos moradores das lojas eram mestiços e negros.

A relevância desses dados está em possibilitar identificar as primeiras conversões a exemplo do latoeiro ou funileiro, chamado João Batista, citado na obra *História dos Batistas no Brasil*, PEREIRA(1985, p. 22-24)<sup>8</sup>. Seria esse primeiro o negro ou mestiço baiano protestante? Tendo em vista que essas atividades eram desenvolvidas por esse segmento da população?

---

<sup>7</sup> Mulato: termo usado nos documentos coloniais para se referir a pessoas resultantes de relacionamento inter-racial; o mesmo que pardo.

[http://historiacolonial.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5118&catid=64&Itemid=371](http://historiacolonial.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5118&catid=64&Itemid=371) (Acessado 25.08.2019)

<sup>8</sup> PEREIRA, J. Reis. **História dos Batistas no Brasil 1882-1982**. 2<sup>o</sup> edição. Rio de Janeiro: JUERP,1985

### 3. Conversão de negros no protestantismo

Compreender o campo religioso na cidade de Salvador no período de 1882-1920, nos dá noção do cenário em que a população negra vivia, principalmente no que se refere a experiência religiosa desses sujeitos. O trânsito entre o catolicismo e o candomblé, não lhes assegurava uma lealdade confessional, visto que, principalmente a Igreja Católica representava a religião do dominador. Sendo assim, passar a frequentar o novo credo não foi muito difícil, já que na travessia afro atlântica, o sujeito negro passou a ter identidade multifacetada.

Para GEERTZ(2008):

A crença religiosa e o ritual confrontam e confirmam-se mutuamente; o *ethos* torna-se intelectualmente razoável porque é levado a representar um tipo de vida implícito no estado de coisas reais que a visão de mundo descreve, e a visão de mundo torna-se emocionalmente aceitável por se apresentar como imagem de um verdadeiro estado de coisas do qual esse tipo de vida é expressão autêntica.(p.95)

A historiografia baiana relata alguns exemplos dessa diversidade quando apresenta negros católicos com suas irmandades a exemplo da Sociedade Protetora dos Desvalidos e da Boa Morte, na cidade de Cachoeira. Vale também ressaltar aqui a presença de africanos mulçumanos conhecidos como Malês, na Bahia em 1835. Estes foram responsáveis por um dos levantes mais importantes realizados por negros no Brasil. Os Malês era um conjunto de nações étnicas que viviam em Salvador: haussás, bornos, tapas e nagôs. Segundo Reis(2003)<sup>9</sup>, existia um pluralismo religioso no seio da população africana e afro-baiana à época da rebelião escrava.

Liderança religiosa e política se fundiram no movimento de 1835. Consegui identificar sete importantes líderes mulçumanos, mestres malês envolvidos ou acusados de envolvimento na rebelião. Eram eles: Ahuna, Pacífico Licutan, Luis Sanin, Manoel Calafate, Elesbão do Carmo(Dandará), Nicobé(Sule) e Dasalú.(p.283)

Um breve histórico sobre o surgimento do pentecostalismo se faz necessário para que se possa compreender porquê na sua chegada no Brasil em 1910, conseguiu a agregar tantos negros. De acordo Teixeira (2017),

A definição do Pentecostalismo como grupo independente de outras denominações evangélicas ocorreu a partir de 1906, nos Estados Unidos, na Igreja de Azusa Street, em Los Angeles. (...) A presença latente do comportamento pietista no protestantismo brasileiro encontraria a válvula de escape propícia a partir da expansão dos grupos pentecostais(p.103)

---

<sup>9</sup> REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil** - A História do Levante dos Malês em 1835. São Paulo: Cia das Letras, 2003.



Nesse sentido, compreender a cosmovisão desses sujeitos também vai nos dar pistas para análise e compreensão do porquê estes abraçarem a nova fé protestante que chegara na cidade de Salvador no final do século XIX..

#### 4. A Escolarização do negros

No que se refere a escolarização formal para a população negra, essa se deu de forma gradativa. Direito e cidadania estavam assim reservados àqueles que tinham acesso à cultura através da leitura e escrita. Dessa forma, Influenciada pelo desenvolvimento das sociedades europeias, a Lei Saraiva promulgada em 1882, no Brasil Império, trouxe inovações ao modelo participativo através das eleições diretas nas nomeações dos Senadores e Deputados. Entretanto, a implantação de alistamento de eleitores restringia o direito de voto apenas aos cidadãos que possuíam renda constitucional, ficando fora deste censo as mulheres, os analfabetos e escravizados.

Para Rosimeire Santos (2008), em seu artigo A Escolarização da população negra entre o final do Séc. XIX e o início do Séc. XX,

A necessidade de ser liberto ou de usufruir a cidadania livre, tanto durante o período do Império, quanto nos primeiros anos da República, aproximou as camadas negras da apropriação do saber, nos moldes das exigências oficiais. Sendo assim, não de forma massiva, camadas populacionais negras atingiram níveis de instrução quando criaram suas escolas, receberam instrução de pessoas escolarizadas, adentraram a rede pública, os asilos de órfãos e as escolas particulares.<sup>10</sup>

Foi nesse cenário da História da Educação Brasileira que os negros convertidos ao protestantismo, passaram a frequentar a Escola Bíblica Dominical da Primeira Igreja Batista do Brasil, organizada em Salvador pelos Missionários Bagby<sup>11</sup>. Ter acesso a literatura e instrução da Bíblia, além de ter a sua própria, foi um dos fatores marcantes para os recém convertidos. Agora esse negro podia ler e interpretar as Escritura Sagradas como os padres e pastores o faziam.

Certamente que essa experiência de escolarização atraía aqueles e aquelas que desejavam ter acesso à essa novidade. A oratória, ou seja, a oração em voz alta, falando diretamente com Deus, também fez parte desse processo de alfabetização,

<sup>10</sup> [https://portalseer.ufba.br/public/journals/27/cover\\_article\\_3834\\_pt\\_BR.doc](https://portalseer.ufba.br/public/journals/27/cover_article_3834_pt_BR.doc) (Acessado 30.08.2019)

<sup>11</sup>William Back Bagby e Anne Bagby: casal missionário vindo dos EUA para o Brasil, onde fundaram a Primeira Igreja Batista do Brasil, em 15 de outubro de 1882, na cidade de Salvador-Ba. (Josemar Batista Modes/Revista Batista Pioneira, V.6 – n. 2. Dezembro/2017)



pois agora o negro podia falar diretamente com o Supremo sem intermediação do branco.

Em seu artigo Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação, Enrique Dussel (2016), ao tratar da temática sobre Centro e periferia Cultural: o problema da libertação, diz que:

A filosofia latino-americana como a filosofia da libertação descobria seu condicionamento cultural (pensava-se a partir de uma cultura determinada), mas também articulada (implícita ou explicitamente) a partir dos interesses de classes, grupos, sexo, raça, etc., determinados. A *location* havia sido descoberta e era a primeira questão filosófica a ser tratada. O diálogo intercultural havia perdido sua ingenuidade e passou a ser compreendido como sobre determinado por todo o período colonial.

### Considerações finais

Este artigo em fase de pesquisa documental, busca compreender o contexto histórico e socioeconômico em que negras e negros estavam imersos e, principalmente, sua experiência no mundo da educação, quando passou a professar a fé protestante que tinha como premissa a leitura e interpretação da Bíblia, visto que, à época pesquisada, entre a população escravizada e liberta, o analfabetismo chegava a quase 90%<sup>12</sup>. A exemplo disso, quando o primeiro convertido no trabalho batista, um latoeiro (funileiro), torna-se um frequentador assíduo da igreja e letrado o suficiente, este é indicado para fazer o curso de teologia, tornando assim o primeiro pastor negro batista no Brasil. É importante salientar que a música eclesiástica também fez parte desse ambiente de escolarização. Ler partitura e reger os hinos cantados na igreja iria requerer, além do ritmo já característico da população negra, o domínio da leitura e escrita. Nesse sentido, tal espaço religioso mostrou-se também propício para o crescimento escolar da população negra, fazendo com que sua participação em cargos de liderança dentro das igrejas protestantes e pentecostais crescesse a ponto de tornar-se objeto de pesquisa para o campo da história das religiões afro-atlânticas no Brasil.

---

<sup>12</sup> Prof. Jaci Maria Ferraz Menezes : História e Historiografia da Educação – A Bahia e suas conexões com os estudos regionais e nacionais  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8646120/0> (Acessado 29.08.2019)



## Referências

- ADEYEMO, Tokunboh. **Comentário Bíblico Africano**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.
- ARAÚJO, Dilton. **Republicanism e Classe Média em Salvador: 1870-1889**. Salvador: UFBA, 1992.
- BARBOSA, José Carlos. **Negro não entra na igreja, espia da banda de fora. Protestantismo e escravidão no Brasil Império. Piracicaba: UNIMEP, 2002.**
- BARBOSA, José Carlos. **Protestantismo e escravidão**. Brasília: UNB, 1988.
- BOFF, Leonardo. **Teologia do cativo e da Libertação**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.
- Caderno de Resumos do Congresso Baiano de Pesquisadores negros – Salvador: EDUNEB, 2009
- CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo através dos Séculos: Uma História da Igreja Cristã** – Tradução: Israel Belo de Azevedo. São Paulo: Vida, 1995.
- CÉSAR, Elben M. Lenz. **História da Evangelização do Brasil** – Dos Jesuítas aos Pentecostais. Viçosa: Ultimato, 2000.
- FILHO, Walter Fraga. **Mendigos, moleques e vadios na Bahia do Século XIX**. Salvador: EDUFBA, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HALL, Stuart. **Identidades e Mediações Culturais da DIÁSPORA**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HEYWOOD, Linda M. **Diáspora Negra no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- OLIVEIRA, Marco Davi de. **A religião mais negra do Brasil**. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.
- PEREIRA, J. Reis. **História dos Batistas no Brasil 1882-1982**. 2ª edição. Rio de Janeiro: JUERP, 1985.
- REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil - A História do Levante dos Malês em 1835**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- MODES, José Valdir. O gigante dorme – **A trajetória do missionário batista Willian Buck Bagby no Brasil**. - Revista Batista Pioneira - Vol. 6 – n. 2. Dez, 2017.
- RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Período Monárquico, 1822-1888: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1973.
- SANCHES, Ana Lúcia. PONCE, Osmundo. Na Força do Espírito – **Os Pentecostais na América Latina: um desafio às Igrejas Históricas**. São Paulo: AIPRAL, 1996.
- SANTOS, Jocélio Teles dos. **Geografia Religiosa Afro-baiana no século XIX**. Revista VeraCidade – Ano IV. Nº 5- Outubro de 2009.
- SILVA, Elizete da. **Conflitos Religiosos no Campo Baiano: Protestantes e Católicos no Século XIX**. Sitientibus, Feira de Santana, n.21, p.51-67, jul./dez. 1999.



SILVA, Elizete da. **Visões protestantes Sobre a Escravidão**. Revista de Estudos da Religião: Nº 1/2003/

VERGER, Pierre. **Fluxo e Refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todosos Santos dos séculos VII a XIX**. São Paulo: Corrupio, 1987.

WERBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 4ª Ed. São Paulo: Martin Claret, 2001.

<http://www.uneb.br/revistadafaeeba/files/2011/07/FaeebaN351.pdf> - Acesso em 13 de julho de 2018, às 21:47.

<http://www.uneb.br/revistadafaeeba/2011/07/20/revista-da-faeeba-n%C2%BA35-2/> . Acesso em 19.07.2018

[http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=ba&tema=censodemog2010\\_relig](http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=ba&tema=censodemog2010_relig). Acesso em 22 de julho de 2018, às 23:50

<https://slideplayer.com.br/slide/1242963/>

Recebido em: 15/06/2019  
Aceito em: 20/08/2019